



*Ancestralidade Máxima, por Rodrigo Barreto, 2023.
Colagem digital, 21 x 29,7 cm.*

“Faço uma arte sobre minha máxima referência de ancestralidade: minha mãe. É com muito orgulho que digo que muitas mulheres puderam me inspirar a ser um homem melhor, em diferentes âmbitos da minha vida.... não tem melhor maneira de começar do que falando da Protagonista”

Rodrigo Barreto

Um Lugar entre os Entre-Lugares: um diário universitário¹

por Rodrigo de Sousa Barreto²

RESUMO

O seguinte texto trata de uma breve percepção pessoal sobre o estado das coisas no meio Acadêmico, mais especificamente, em meio a uma nova realidade de mestrando. Para contextualizar o tema, trago algumas concepções do que seria um lugar e um entre-lugar nas definições de Homi K. Bhabha e Silviano Santiago, assim como de outros teóricos que visam o rompimento de narrativas hegemônicas e eurocêntricas sobre países do Sul Global e indivíduos em situação de subalternidade. Em um modelo de narrativa baseada na escrevivência, uso da primeira pessoa em grande parte do escrito para enfatizar uma questão emocional de urgência pela mudança, inserindo-me nesse meio e demonstrando que o subalterno deve falar como sujeito da história do seu tempo (Evaristo, 2020).

Palavras-Chave: Entre-Lugar; Escrevivência; Lugar; Pós-colonial; Universidade.

1. À GUIZA DE INTRODUÇÃO

Por boa parte da minha vida nunca imaginei chegar exatamente onde estou. Mas é fato que, em agosto de 2023, uma nova e desafiadora jornada se iniciaria. Após um longo período de expectativas e estudos de alguns bons meses, fui finalmente aprovado para cursar o mestrado acadêmico pelo

Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal do Rio de Janeiro (na qual também conclui minha graduação), na linha de pesquisa de *Design e Cultura* (3).

A questão do *lugar* (em referência à Academia) aqui abordada está intrinsecamente ligada a sua relação com o *entre-lugar* representado pela própria

1 Texto escrito com o apoio recebido do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil, na modalidade: Mestrado – GM.

2 Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Design – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Currículo, portfólio e outras redes: https://linktr.ee/roba_iam. Contato: robayamaguchi@gmail.com.

3 A visualidade contemporânea é o foco para investigações no campo do design. Trata especificamente das questões relacionadas a linguagens, conceitos e práxis, tendo a abordagem cultural como eixo do processo investigativo. Esta área de concentração se aplica ao estudo dos processos de transformação de aparatos, mecanismos e serviços identificados na produção, experimentação e interação com artefatos visuais e culturais. Para isso, considera vertentes teórico-práticas em projetos desenvolvidos no campo da natureza cambiante do design no contexto da era pós-industrial.

América-Latina, o Brasil, o Rio de Janeiro e, mais especificamente, a Baixada Fluminense (da onde esse texto vos alcança): uma miscelânea de contatos interculturais que jamais pode mostrar suas verdadeiras cores perante um ideal homogeneizado de produção intelectual.

Logo, com este texto, pretendo elucidar parte da minha experiência inicial, de um semestre, vivenciado em um *lugar* cujas expectativas podem ser (e são, em sua maioria) excedentes, assim como suas cobranças. A partir do conceito de *escrevivência*, cunhado por Conceição Evaristo (1946-Atualmente) entre 1994 e 2005 (4), buscarei transpor a perspectiva que restou, tentando não apagar o horizonte ainda não visualizado, em um movimento diaspórico. Em uma virada das palavras de Evaristo, a seguir “escreverei me vendo”; e também seguirei me atentando às relações de coletividade vivenciadas também pelos meus (Evaristo, 2020).

2. CONTEXTUALIZANDO O LUGAR E O ENTRE-LUGAR

O conceito de “Entre-Lugar” é consequência da ascensão de determinados fenômenos e elementos que passaram, notadamente nas últimas décadas do século XX, a demarcar a necessidade de novos olhares e interpretações das relações humanas exercitadas nas regiões periféricas do

complexo espacial do mundo, principalmente quanto ao sentido de pertencimento das pessoas em relação a esses locais (Ferraz, p. 15, 2010).

Antes de efetivamente *me escrever*, seria importante incluir aqui uma breve contextualização sobre as questões do *lugar* e do *entre-lugar*; longe, é claro, de apresentar um estudo aprofundado e detalhado sobre tais tópicos, mas denominar alguns nomes importantes que discutem essa relação e como tais conceitos impactam, ainda hoje, nossa vida em uma perspectiva de Sul Global (5).

Em uma breve tomada, um *lugar*, em sentido geográfico, seria um *ponto de referência*. Aplicado a um contexto geopolítico mais amplo podemos também denominar o dito *lugar* como um *ponto de alteridade*, principalmente ao partirmos das concepções do “Ocidente”, ou melhor, dos países alocados no Norte Global como *estruturadores* de uma série de noções que abarcam questões sociais, culturais, raciais e *etc.*, que dispõe tais noções em direto confronto com uma miríade de valores divergentes de diferentes nações *não-ocidentais*. Em uma perspectiva menos ampliada, a relação do *lugar* com a alteridade também se mantém; existe, segundo Martins (2011), uma formação essencialista quanto a formação dos *lugares*: a ideia de uma realidade essencial, anterior, que se sobrepõe ao momento presente e a própria existência.

4 Acuan, Ana Paula. “ESSE LUGAR TAMBÉM É NOSSO” Escritora Conceição Evaristo busca vaga na Academia Brasileira de Letras. Porto Alegre: Revista PUCRS, 2019.

5 Sul Global, originalmente, era um termo utilizado em estudos pós-coloniais e transnacionais para referir-se tanto ao terceiro mundo como a um conjunto de países em desenvolvimento. Com o avanço de questões geopolíticas e econômicas, vem sendo utilizado (ao lado do termo “Norte Global”) como nomenclatura de divisão de grupos de países, alinhados com o “Ocidente” (Estados Unidos da América/Norte Global) ou o “Oriente” (China/Sul Global).

Esse essencialismo, presente e soberano nas construções do pensamento ocidental, pode e existe dentro das concepções de grupos não centralizados, mas não são tomados como danosos vide a falta de poder hegemônico de seus povos/grupo étnicos. Deste modo:

[...] Enfatiza-se o referencial humano na definição do lugar quanto ao papel dos sentidos, no qual a visão é a dominante pela quantidade de informações que permite (distância, textura, luz, cor, formas, contrastes, etc.), mas sofre influências de cada cultura (RAPOPORT, 1978). Considera-se o lugar como a trama banal e elementar do espaço, onde é possível detectar funções que não são idênticas por toda parte [...] (Lôbo Nogueira da Gama, p. 1512, 2019).

Como um discurso de alteridade provindo dos Estudos Culturais, mais especificamente, do campo pós-colonial (6), o termo *entre-lugar* foi cunhado por Homi Bhabha (1949-Atualmente) e percorrido como um lugar de possibilidades interrelacionais. Logo, o modelo de seu *entre-lugar* não se dá através da justaposição do divergente entre culturas, mas através de uma assimilação mútua (Han, 2019).

Ao partir de uma abordagem pós-colonialista, fica claro que Bhabha irá abordar problemáticas que giram em torno de dicotomias como “colonizador x colonizado”, “dominante x dominado”, “senhor x escravo”. A partir de tais dicotomias é que Bhabha influi o conceito de alteridade ao pregar pela necessidade de posicionamento da parte *outra* à de maior poder nessas relações, a necessidade de uma construção de mundo a partir da perspectiva do subalterno em questão.

Deste modo, o *entre-lugar* poderia ser chamado de terreno *comum*, um solo híbrido que vai contra o ideal de pureza e originalidade que se forma no imaginário de determinados *lugares*, principalmente os que dispõem de um histórico colonizador e/ou imperialista. Dizer que a América-Latina ou, mais objetivamente, o Brasil é um *entre-lugar* por excelência é assumir sua formação mestiça, híbrida de diferentes cartografias e potencialmente múltipla. Sua multiplicidade abrange um infinitésimo número de novas possibilidades, sejam essas sociais, culturais, intelectuais ou econômicas... mas, até que ponto tais possibilidades são consideradas em meio a instituições que preveem a manutenção de determinados *status quo* (7)?

6 “[...] Apesar de não existir uma teoria pós-colonial, o que parece aproximar as várias percepções deste campo de estudos é a construção de epistemologias que apontam para outros paradigmas metodológicos na análise cultural, sendo porventura a mais importante mudança a assinalar no campo dos estudos culturais (e literários) a análise das relações de poder, nas diversas áreas da atividade social caracterizada pela diferença: étnica, de raça, de classe, de gênero, de orientação sexual... Apesar disso, muitos estudiosos, particularmente de ex-impérios, convergem para a consideração de que os atuais estudos culturais, nomeadamente no âmbito da crítica pós-colonial, se reorganizam em outros alicerces, diferentes dos tradicionais, de antagonismos lineares e duais, que tentam perpetuar a supremacia de uma estrutura ideológica e histórica espaço-temporal.” Matta, I. Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêntricas. *Civitas: revista de Ciências Sociais*, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 27-42, 2014. DOI: [10.15448/1984-7289.2014.1.16185](https://doi.org/10.15448/1984-7289.2014.1.16185). Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/16185>. Acesso em: 4 jan. 2024.

7 Expressão latina que significa "o estado das coisas".



Largo da Prainha, por Felipe Souza
Desenho a mão com nanquim, 2023



LARGO DA RAINHA
Felipe Sousa de Sousa

Silviano Santiago (1936–Atualmente) foi exímio em abordar a questão do *entre-lugar* de maneira mais essencialmente brasileira/latino-americana em seu texto *Uma literatura nos trópicos* (2000), instigando os leitores a realizar uma reflexão sobre a imposição de verdades por entidades eurocêntricas e as construções de realidade heterogêneas ao real estado do país/continente. Trazendo à tona o próprio texto:

A América transforma-se em cópia, simulacro que se quer mais e mais semelhante ao original, quando sua originalidade não se encontraria na cópia do modelo original, mas em sua origem, apagada completamente pelos conquistadores. Pelo extermínio constante dos traços originais, pelo esquecimento da origem, o fenômeno de duplicação se estabelece como a única regra válida de civilização (Santiago, 2000, p. 14).

E ainda na linha dos estudos pós-coloniais, poderíamos recorrer a Edward Said (1935–2003) e sua mais relevante obra, *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente* (2007), como forma de melhor compreender a ação das ficções na definição dos lugares. Como seu próprio subtítulo já indica, temos no referido livro a explanação de como nações Eurocêntricas lograram em desenvolver toda uma mística sobre conceitos e realidades de fora de seus domínios, mais especificamente do território do Leste, o que compreenderia a maior parte dos países do continente asiático, mas não somente dele, em uma análise mais contextualizada. O “Ocidente” sempre possuiu as armas necessárias para tornar ficções, realidade. Desta forma, o *Orientalismo* de Said aborda como o “Ocidente” se vê em relação a um *outro* que

é sempre exótico, animalesco, mágico e muito pouco científico, algo ou alguém que beira à irracionalidade guiada por credices e emoções.

Com este contexto, é fácil visualizar tal definição aplicada a muitas sociedades não localizadas a Leste do Globo: ao jogarmos tal luz sobre o Brasil, podemos trazer uma maré de concepções eurocêntricas, a citar “o jeitinho (malandro) brasileiro”, “as *mulatas* exportação”, “o país do Carnaval (que dura o ano todo)”, só para não nos alongarmos tanto aqui. Percebemos, então, que o problema não parte de uma série de fronteiras longínquas, o problema nunca foi especificamente geográfico, e sim origina-se sempre em um *lugar* dos mais específicos: do Norte Global, do “Ocidente”, do “pensamento europeu”, do *Homem Branco*.

Mas existira um modo de confrontar tal hegemonia? Seria o *entre-lugar*, e a formação de uma cultura híbrida, suficientes para desatar todos os nós de centenas de anos? Há espaço para algo realmente *novo*?

3. UM DIÁRIO UNIVERSITÁRIO

É de praxe imaginar que uma *Universidade* serviria a um propósito maior que a simples “educação e formação de profissionais”; de fato, o termo pode ser definido das seguintes maneiras segundo o dicionário Oxford:

1. qualidade ou condição de universal.
2. instituição de ensino e pesquisa constituída por um conjunto de faculdades e escolas destinadas a promover a formação profissional e científica de pessoal de nível superior, e a realizar pesquisa teórica e prática nas principais áreas do saber humanístico,

tecnológico e artístico e a divulgação de seus resultados à comunidade científica mais ampla.

Existe um intrínseco valor de “servir às necessidades da comunidade” através das diferentes áreas do saber dentro das universidades. E esse valor se mantém. Em uma rápida pesquisa na internet, focada no território da própria UFRJ, por exemplo, poderíamos encontrar uma infinidade de programas, assistências e produções que pretendem trazer e levar inovação científica e artística ao maior número de pessoas possível, dentro e fora de seus variados *campi*.

Contudo, é importante salientar a origem europeia dessas instituições acadêmicas num geral. A própria Universidade do Rio de Janeiro, criada em 1920, foi inicialmente constituída a partir da reunião de três escolas criadas no início do século XIX, após a vinda da Família Real e da Corte Portuguesa para o Brasil (8). E ainda hoje, devido a manutenção de sua *distinção* (9), a preservação de seus “métodos” de produção intelectual e gestão de seu centenário *modus operandi* (10) são vigentes.

Nunca tive a pretensão de parecer do contra, a essa altura do campeonato. O sonho de ingressar em uma universidade pública (para a graduação, ainda em 2018) se tornou real muito cedo e foi deveras bem-vindo. Acredito que quando você entra em uma instituição acadêmica como a UFRJ no auge dos seus dezessete anos, você não pensa muito bem sobre iniciações científicas, produção artística ou, até mesmo, nas *aulas*.

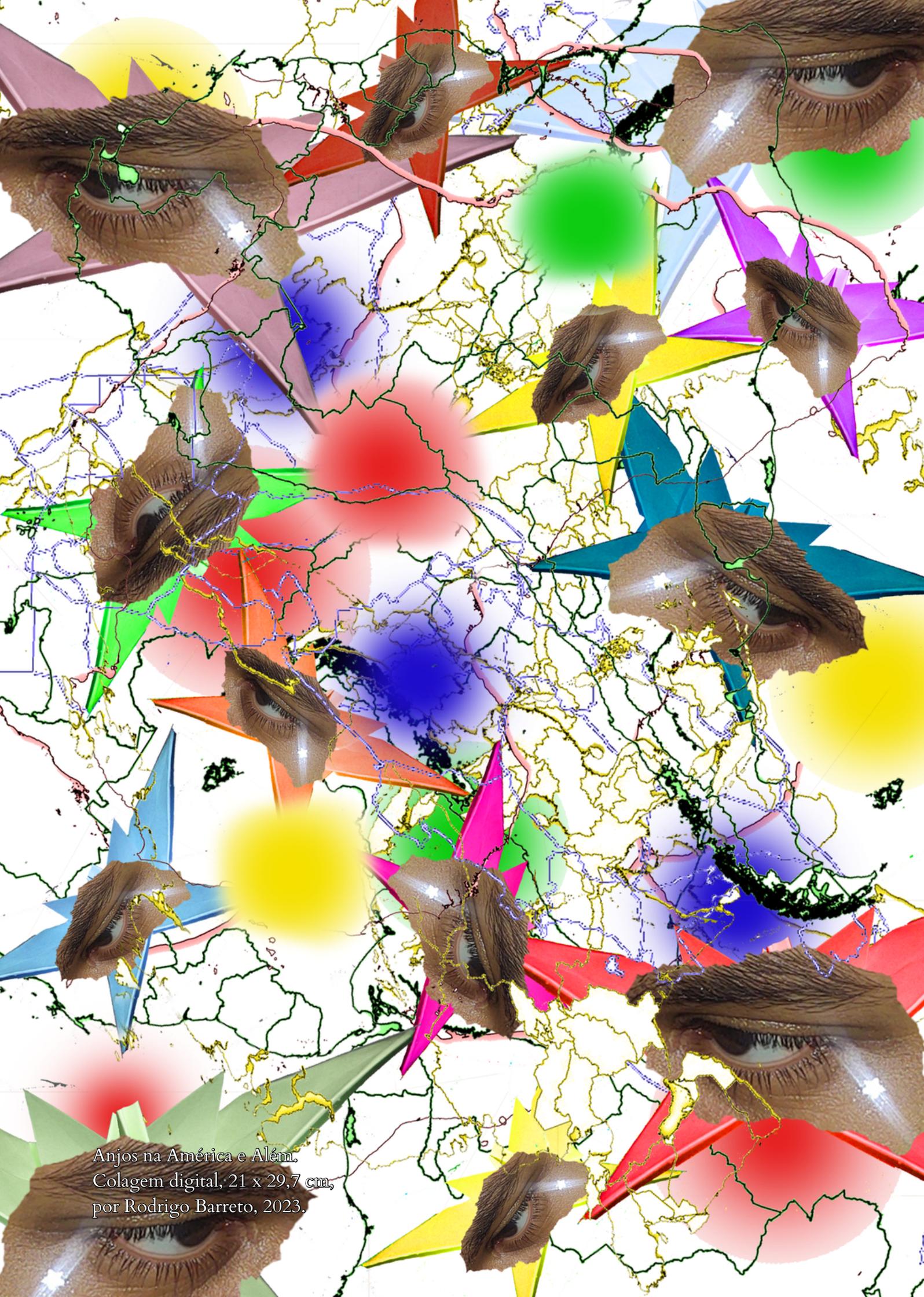
Existe um imaginário (principalmente advindo de uma iconografia do cinema norte americano, geralmente dos filmes de temática *High School*, que se estendem a realidade universitária, ou *College*, de lá) imbuído nos mais jovens de que uma graduação é apenas mais um pequeno passo a caminho de um emprego bem remunerado, que te permitirá sair das periferias da Baixada Fluminense e te tornará uma pessoa *distinta*. Não nego que uma graduação poderia realizar esses e mais alguns outros sonhos adolescentes, mas tudo se torna mais fácil na vida adulta com *contatos* (contatos que pessoas como eu geralmente não possuem) ou melhor, com o famoso *capital social* (11).

8 Oliveira, A. J. B.. Uma breve história da UFRJ. Disponível em: <https://ufrj.br/aceso-a-informacao/institucional/historia/#:~:text=A%20Universidade%20do%20Rio%20de%20Janeiro%20foi%20constitu%C3%ADda%20a%20partir,em%201832%20nas%20depend%C3%AAncias%20do>. Acesso em 4 jan. de 2024.

9 Conceito aprofundado em: Bourdieu, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

10 Modo pelo qual um indivíduo ou uma organização desenvolve suas atividades ou opera.

11 “Para Bourdieu, o capital social é o agregado de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede de contatos durável de relacionamentos institucionalizados de familiaridade e reconhecimento – em outras palavras, é o pertencimento a um grupo.” Bourdieu, Pierre. The Forms of Capital. In: Richardson, J.. Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education, Westport, CT: Greenwood, p. 241 - 258, 1986.



Anjos na América e Além.
Colagem digital, 21 x 29,7 cm,
por Rodrigo Barreto, 2023.

Uma graduação é sim uma experiência transformadora. Nunca teria chegado ao Mestrado se não acreditasse na potencialidade da Educação e no meio Acadêmico como um possível caminho revolucionário para a propagação de informações e inovações, sejam essas científicas, artísticas ou sociais. Entretanto, é importante frisar o papel de uma Universidade, que opera nestes tais moldes europeus, ainda como um *lugar*, por mais mestiço que seja. É importante frisar o estado da Universidade como uma *estrutura estruturada e estruturante* (12). E hoje percebo que o ingresso em um programa de mestrado só tornou essa inescapável realidade mais clara.

Na Universidade temos, em sua grande maioria, um corpo docente (e também discente) *Branco*. Abordamos a questão do Brasil como um *entre-lugar* culturalmente (e racialmente) híbrido a alguns parágrafos atrás, mas eu e você, pessoa racializada, já sabemos que o pacto da branquitude (Bento, 2022) opera de forma centenária como forma de impor sua visão “redentora” da verdade, intelectualidade e inovação como parâmetros a serem copiados e seguidos.

Entro no mestrado com uma pesquisa voltada para o estudo da indumentária asiática, mais especificamente de origem

chinesa e japonesa, presente na Coleção Sophia Jobim, parte integrante do acervo do Museu Histórico Nacional, abordando questões como a biografia desses determinados documentos históricos, orientalismo e o tratamento que o “Museu Universal” (Vergès, 2023) dá a esses itens. Não disse, até o presente momento, que sou um homem preto, mas aí está. “O que **você** teria para falar sobre quimonos ou *cheongsans* (13)?” – não, nunca me fizeram uma pergunta tão direta, mas tiveram suas variantes: “Como você chegaria a informações de nomenclatura dessa peça?”, “Esse assunto é realmente relevante para o campo (do Design)?”, e por aí vai. Com suas doses de orientalismo aqui e acolá, eles nunca falham em subestimar sua capacidade intelectual como um pesquisador.

Como pesquisadores chegamos em nomenclaturas e informações? E o que seria relevante para o campo? Talvez, na sua ótica, exista um tipo melhor para responder isso. Existe ainda uma dificuldade de formalizar, no espaço universitário, pesquisas que fujam de um âmbito Eurocentrado. Não preciso citar China ou Japão, posso trazer áreas referentes a culturas e tecnologias africanas, indígenas e diaspóricas no Brasil (um dos alicerces que impulsionou a formação da Coletyva Pyndorama (14) em 2020).

12 Tratamos aqui do conceito de *habitus*, discorrido por Pierre Bourdieu. Como toda a obra de Bourdieu, temos um conceito denso que, tratado de forma leviana, não funcionaria. De forma bastante generalizada, classifico o *habitus* como um conglomerado de modos de pensar, gostos, definições e acordos sociais, gerados por uma comunidade específica (Bourdieu trata, sobretudo, da sociedade francesa em sua obra). É importante ressaltar seu caráter repertorial *definido* por *estruturas* imbuídas de um poder maior para que não seja dado como um simples acaso, *estruturas estruturadas* (ou seja, que beiram um estado de invulnerabilidade social) e *estruturantes* (que promovem a formação e influência de tais acordos sociais entre os indivíduos).

13 Espécie de vestido chinês.

14 Site da coletyva: <https://www.coletyvapyndorama.com/>.

Trazendo o Japão, contextualizo a importância de sua abordagem devido ao maior número de imigrantes e descendentes japoneses do mundo (Cury, 2008, [15]). No mundo todo, temos uma maior presença de restaurantes chineses do que McDonald's (Han, 2019). A pergunta que o corpo universitário deveria (se) fazer neste momento é: as constantes barreiras, construídas muito antes de nós e por *outros* que nada têm a ver conosco, são verdadeiramente intransponíveis? Essas informações e pessoas estão assim tão distantes? Estamos vendo a pintura *juntamente* à moldura?

Em outra partida, ao requerer um determinado e obrigatório tipo de produção intelectual, existe o constante fechamento para novas possibilidades de diálogo. Escrever um artigo científico aos moldes e solicitações do sistema da ABNT relacionando os mais complexos conceitos lidos em mais de 5 meses em pouco menos de um mês e meio? Onde estaria a inovação e abertura para o novo *aqui*? A precarização do sistema de bolsas, limitadas e pouco assistenciais, também poderia ser abordada como um completo desestímulo aos interessados em ingressar na vida Acadêmica, para não falar do não-reconhecimento da Pesquisa como um trabalho, uma prestação de serviço público reconhecido por instituições como a Previdência Social. Os pesquisadores que moram mais longe das instituições não deveriam ter direitos mais específicos, como

bolsas extras de locomoção? E os que são obrigados a terem um trabalho para sustentar toda essa jornada são automaticamente excluídos, seja pela imposição presencial do curso ou pela falta de flexibilidade de prazos e entregas.

Voltamos então a questão do *capital social* (e também *material*, nesse caso), que dita quem serão os mais hábeis a entrar numa empreitada tão tortuosa como o mestrado: você sabe quem são. Eles também sabem.

4. QUE NÃO TERMINE ASSIM E AQUI

Todas essas abordagens nos trazem de volta ao *entre-lugar* que ocupamos no Brasil: um país de inúmeros mestiços (ainda) encantado por filosofias caucasianas. A pergunta sobre a possibilidade de confrontar hegemonias a partir de reflexões não é nem um pouco complexa: ela é, na verdade, a única saída. Silviano Santiago não foi apenas assertivo, como foi também premonitório. Um solo comum, um espaço híbrido, é a única forma de desenvolvermos originalidades realistas, que confrontem e colham resultados. Não objetamos excluir, mas sim juntar *verdadeiramente* todos os lados da conversa.

Mesmo com inúmeras problemáticas (dentro e fora das instituições, dentro e fora da própria sociedade: questões como a das crises climáticas, que já são iminentes), eu pediria, por fim, que *reflitam*. Reflitam em

15 Cury, Cintia. Estado de São Paulo tem cerca de 1 milhão de japoneses e descendentes. São Paulo: São Paulo Governo do Estado, 2008. Disponível em: [163](https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/estado-tem-cerca-de-1-milhao-de-japoneses-e-descendentes/#:~:text=No%20Brasil%20vivem%20mais%20de,com%20um%20milh%C3%A3o%20de%20pessoa s. Acesso em 4 jan. 2024.</p></div><div data-bbox=)

como implodir (a forma mais visível para mim) tais *estruturas*. Adentrem essas instituições, quaisquer que sejam, e trabalhem sua verdade. Em meio a tanto caos, existe ainda um ideal na função (que caso fique obscuro a você, deve ser reorganizado a partir de suas próprias concepções), um ideal das funções. Os *entre-lugares* que ocupamos são muito maiores, mais ricos e relevantes que os *lugares* que tentam nos dominar e aprisionar. Digo isso das nossas cidades, quebradas, pessoas que nos influenciam e não deixam de produzir com fé e razão em um Brasil maior e melhor.

Não esqueçamos, por fim, que em nossas mãos está o **poder**. Temos o necessário para sermos os anjos da América e além. **Revidemos**.

5. REFERÊNCIAS

Acuan, Ana Paula. “ESSE LUGAR TAMBÉM É NOSSO” Escritora Conceição Evaristo busca vaga na Academia Brasileira de Letras. Porto Alegre: **Revista PUCRS**, 2019. Disponível em: <https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/>. Acesso em: 4 jan. 2024.

Bhabha, Homi K.. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Avila, Eliane Livia Reis e Glauce Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

Bourdieu, Pierre. **The Forms of Capital**. In: *The Handbook of Theory and Research for th Sociology Education*. Westport, CT: Greenwood, p. 241 – 258, 1986.

Cury, Cintia. **Estado de São Paulo tem cerca de 1 milhão de japoneses e descendentes**. São Paulo: São Paulo Governo do Estado, 2008. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/ultimas-noticias/estado-tem-cerca-de-1-milhao-de-japoneses-e-descendentes/#:~:text=No%20Brasil%20vivem%20mais%20de,com%20um%20milh%C3%A3o%20de%20pessoas>. Acesso em 4 jan. 2024.

Evaristo, Conceição. **A escrevivência e seus subtextos**. In: *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Org: Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e arte, 2020.

Ferraz, Cláudio Benito Oliveira. **Entre-lugar: apresentação**. **Revista Entre-Lugar** (UFGD. Impresso), v. 1, p. 15-32, 2010.

Lôbo Nogueira Da Gama, H. F. A transversalidade do saber: O conceito de lugar e a sociologia do turismo. In: **Brazilian Journal of Business**, [S. l.], v. 1, n. 4, p. 1509–1518, 2019. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJB/article/view/4212>. Acesso em: 4 jan. 2024.

Matta, I. Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêntricas. In: **Civitas: revista de Ciências Sociais**, [S. l.], v. 14, n. 1, p. 27–42, 2014. DOI: 10.15448/1984-7289.2014.1.16185. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/16185>. Acesso em: 4 jan. 2024.

Martins, D. M. B.. A tessitura intersubjetiva dos entre-lugares: o que pode um grupo?. In: **REALIS, Revista de Estudos AntiUtilitaristas e Poscoloniais.**, v. 1, p. 76–90, 2011.

Han Byung-Chul. **Hiperculturalidade: cultura e globalização**. Tradução de Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis: Vozes, 2019.

Oliveira, A. J. B.. **Uma breve história da UFRJ**. Disponível em: <https://ufrj.br/aceso-a-informacao/institucional/historia/#::~:~:text=A%20Universidade%20do%20Rio%20de%20Janeiro%20foi%20constitu%C3%ADda%20a%20partir,em%201832%20nas%20depend%C3%AAs%20do>. Acesso em 4 jan. de 2024.

Said, Edward. **Orientalismo: O Oriente Como Invenção do Ocidente**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Santiago, Silviano. **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Vergè, Françoise. **Decolonizar o museu: Programa de desordem absoluta**. Tradução de Mariana Echelar. São Paulo: Ubu Editora, 2023.



Kali!
Por Rodrigo Barreto, 2023.
Colagem digital. 21 X 29,7 cm